

Desnacionalização da Indústria Brasileira: uma Avaliação Pós-Abertura.

Carmen de Jesus Garcia (IBGE)¹

O objetivo desse texto é avaliar o grau de desnacionalização da indústria brasileira resultante das transformações ocorridas no padrão de desenvolvimento econômico nos anos 1990. O presente artigo integra pesquisa mais ampla sobre a presença de empresas estrangeiras na industrialização brasileira em distintos contextos históricos. Nesse artigo são mostrados os resultados de avaliação empírica sobre a desnacionalização recente, procurando responder a questões básicas como qual a estrutura produtiva setorial brasileira resultante das mudanças dos anos noventa e sua concentração e qual o peso das empresas estrangeiras, seja na estrutura industrial como um todo, como nas indústrias em que atuam. Como questão de fundo, pergunta-se se é indiferente a um país ter seu parque produtivo nas mãos de empresas de capital estrangeiro?

O texto se estrutura apresentando, de início, aspectos metodológicos sobre a construção da base de dados e prossegue com a descrição dos principais resultados da comparação entre as estruturas industriais de 1985 e 2002, anos considerados na análise. Por fim, tece considerações, à luz dos resultados apresentados, quanto às indagações iniciais, com o intuito de conclusões.

Notas Metodológicas

Construir uma base de dados industriais para subsidiar a avaliação integrada da estrutura industrial por atividade, origem do capital e porte das empresas implicou tomar decisões quanto ao período de referência e disponibilidade dos dados, ao universo industrial, as taxinomia de classificação de atividades para análise e apresentação dos dados, ao tratamento da origem do capital e do tamanho das empresas.

A escolha dos anos justifica-se porque o ano de 1985 expressa um momento da história econômica onde as regras do jogo, ainda que cambiantes, não expressavam o novo modelo de desenvolvimento que seria implantado pós anos 1990. Adicionalmente, por ter sido ano de realização do último Censo Industrial brasileiro, contemplando dados para cada atividade industrial nos seus menores níveis de detalhamento, tanto espacial como de classificação, todos coletados diretamente junto aos informantes.

Já a escolha de 2002, como contraponto, justifica-se por ser a última informação disponível para a indústria, segundo a Pesquisa Industrial Anual do IBGE, na época em que os dados começaram a serem trabalhados e, adicionalmente, por não ser tão distante do ano de referência do último Censo de

¹ Economista do IBGE e Professora da UCAM.

Capital Estrangeiro do Banco Central, à mesma época. Por suposto, os dois anos atendem à necessidade de comparação temporal.

O Censo Industrial necessitou de ajustamentos metodológicos para poder ser trabalhado em conjunto com a Pesquisa Industrial Anual, os quais foram efetuados pelo órgão do IBGE responsável pelas estatísticas industriais brasileiras: grupamento das atividades realizadas em 1985 pelos estabelecimentos industriais em uma mesma unidade local e reclassificação dessa unidade; apropriação das variáveis ao nível das unidades locais; compatibilização da classificação de atividades industriais utilizadas pelas duas pesquisas; eliminação das empresas com menos de cinco pessoas ocupadas no Censo Industrial, porque esse é o âmbito da Pesquisa Industrial Anual do IBGE.

A presente análise se concentra na variável Valor da Transformação Industrial que corresponde ao Valor Bruto da Produção Industrial menos os Custos com as Operações Industriais (que envolvem os gastos com Consumo de matérias primas e demais insumos usados na produção), constituindo-se em indicador do Valor Agregado Industrial.

Quanto à identificação da empresa de capital estrangeiro, para o ano de 1985 não se encontrou base de referência digitalizada, mas apenas o Guia Interinvest 1986, com informações em papel. Ressalta-se a importância deste documento como fonte histórica de investigação das estruturas de participação societária de grandes grupos econômicos. O Guia de 1986 teve as informações de interesse da pesquisa digitadas. Tomando por base principal de análise as empresas listadas no Guia Interinvest de 1986, essa lista foi checada com as empresas estrangeiras constantes de revistas especializadas² que informavam sobre as maiores empresas a cada ano e a composição dos maiores grupos estrangeiros, bem como foram confrontadas as listas assim construídas com cadastros de órgãos de classe. Considerou-se, adicionalmente, importante trabalho sobre capital estrangeiro em 1985 (BNDES, 1988), o qual identificou as principais empresas atuantes nos setores investigados.

A lista de estrangeiras de 1985, resultado dessa extensa pesquisa de confronto do Guia Interinvest 1986 com trabalhos, documentos e revistas especializadas da e sobre a época, contém 1507 empresas industriais estrangeiras atuando nas indústrias de transformação e extrativa mineral. Para o ano de 2002 foram encontradas 2276 empresas industriais estrangeiras, a partir do cadastro de empresas estrangeiras do Banco Central referente a 2000 e da sua atualização através de revistas especializadas³ de 2001 e 2002 e do arquivo de grandes empresas da Pesquisa de Inovação Tecnológica do IBGE. Apresenta-se, a seguir, o número de empresas estrangeiras resultante dos procedimentos descritos.

² Revista Visão – 31/08/1986 e Revista Gazeta Mercantil – Balanço Anual, 1986

³ Revista Maiores e Melhores, 2001 e 2002

Os dados mostram o número de empresas das indústrias extrativas e de transformação e as empresas estrangeiras e nacionais. Não deixa de surpreender que tão poucas empresas de capital estrangeiro detenham uma parcela tão significativa do valor agregado industrial – 31% e 40%, respectivamente, em 1985 e em 2002.

Tabela 1
Número de empresas da indústria extrativa e de transformação
segundo a propriedade do capital
1985 e 2002

Itens	Total	Capital	
		Estrangeiro	Nacional
	1985		
N° de empresas	92.687	1.507	91.180
% N° de empresas	100	1,6	98,4
% VTI Total	100	31	69
	2002		
N° de empresas	134.869	2.276	132.593
% N° de empresas	100	1,7	98,3
% VTI Total	100	40	60

Fonte: Base de Dados da pesquisa

Não se considerou percentual de participação no capital para identificar a empresa estrangeira, mas apenas ter sua presença registrada nos cadastros e listas consideradas na seleção dessas empresas.

Em relação às taxinomia de classificação de atividades, trabalha-se com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE⁴, versão 1.0, a três dígitos de detalhamento das atividades das indústrias extrativas e de transformação, o que inclui 106 atividades industriais.

A CNAE a três dígitos é a base para aplicação da tipologia da OCDE (1988) que identifica cinco categorias de indústrias: indústrias intensivas em recursos naturais, intensivas em trabalho, intensivas em produção – destacando-se as indústrias de produção intensiva em escala e as indústrias de produtos diferenciados - e as indústrias baseadas em ciência. O foco dessa classificação é destacar os principais fatores pelos quais as indústrias competem, sendo identificados nesse trabalho como tipos de tecnologia.

A Tabela 2, a seguir, apresenta a tipologia de grupamentos de indústrias. À guisa de exemplo, o quadro inclui elenco de indústrias, às quais foram associados os níveis de intensidade tecnológica correspondentes, diferenciação que também segue metodologia da OCDE (1997).

A identificação dos níveis de intensidade tecnológica visa apoiar a primeira tipologia, não se procedendo à agregação das atividades consoante esse critério. As indústrias baseadas em ciência têm

⁴ Ver sítio da Comissão Nacional de Classificações – CONCLA em www.ibge.gov.br/concla

fator de intensidade alta e média alta, enquanto as de produção diferenciada têm intensidade média alta apenas. Na outra ponta da tipologia estão as indústrias intensivas em trabalho e em recursos naturais que apresentam os menores níveis de intensidade tecnológica, a saber, baixa e média baixa. Entre os extremos ficam as indústrias de produção intensiva em escala que comportam níveis de intensidade tecnológica que variam de baixa à média alta intensidade.

Tabela 2
Grupamentos de indústrias por tipo de tecnologia

TIPO DE TECNOLOGIA	PRINCIPAL FATOR DE ESPECIALIZAÇÃO COMPETITIVA	INDÚSTRIAS (exemplos)	INTENSIDADE TECNOLÓGICA DAS INDÚSTRIAS*
Intensiva em Recursos Naturais	Acesso às fontes de recursos naturais	Indústrias Extrativas, Alimentares, de Bebidas, Fumo, de Madeira e Couro;	Baixa
		Cimento, Não Ferrosos, Celulose e Papel, Álcool e Refino do Petróleo.	Média Baixa
Intensiva em Trabalho	Custos de Trabalho	Têxtil, Vestuário, Calçados, Mobiliário, Parte da Metalúrgica – Estruturas Metálicas, Forjaria, Cutelaria, Diversas	Baixa Média Baixa
Intensiva em Produção em Escala	Processo Contínuo de Produção ou Montagem	Editorial e Gráfica,	Baixa
		Construção Naval, Siderurgia, Plástico, Vidro, Borracha, Fundição	Média Baixa
Intensiva em Produção de Produtos Diferenciados	Adaptação dos produtos às características de demandas variadas	Química, Petroquímica e Perfumaria Automobilística e Auto-Peças e Ferroviária	Média Alta
		Bens de Capital sob encomenda, como Máquinas-Ferramentas, Motores, Bombas e Compressores. Eletrodomésticos, Geradores, Transformadores e Motores Elétricos, Tratores e Máquinas Agrícolas, Aparelhos de Instrumentação Médica.	Média Alta
Indústrias Baseadas em Ciência	Rápida aplicação do conhecimento científico	Instrumentos de Medidas, Testes e Controles, Sistemas Eletrônicos de Automação e Controle do Processo Produtivo.	Média Alta
		Farmacêutica, Eletrônica, Equipamentos de Telefonia e de Transmissão de TV e rádio, Aparelhos Receptores de TV, de Rádio e de Reprodução e Amplificação de Som e Vídeo, Aeronáutica.	Alta

Elaboração a partir de OCDE (1988 e 1997) e da classificação efetuada pela área de Indústria do IBGE.

Quanto ao tamanho, as empresas foram classificadas em três níveis: micro e pequena empresa, abrangendo as empresas com menos de 100 pessoas ocupadas; empresas de médio porte para as que apresentaram pessoas ocupadas entre 100 e 499 e empresas de grande porte, com mais de 500 pessoas ocupadas. A seguir serão apresentados os resultados do processamento das informações do Censo

Industrial de 1985 e da Pesquisa Industrial Anual de 2002 nos recortes definidos nestas notas metodológicas.

Avanço da desnacionalização da indústria – evidências recentes.

A estrutura industrial brasileira por grupamentos de atividades industriais, segundo o tipo de tecnologia e a propriedade do capital das empresas, está apresentada na Tabela 3, para os anos de 1985 e 2002. Os dados referem-se a estrutura do Valor da Transformação Industrial – VTI da Indústria Extrativa Mineral e da Indústria de Transformação e contemplam as empresas dessas atividades que tinham, em cada um dos anos, mais de cinco pessoas ocupadas, além de registro junto ao CNPJ, consoante notas metodológicas prévias. O VTI é considerado uma *proxy* do valor agregado industrial.

Tabela 3

**Estrutura do Valor da Transformação Industrial
segundo a Propriedade do Capital, por Tipo de Tecnologia - 1985 e 2002.**
- em percentagem do VTI Total -

Indústrias segundo o tipo de tecnologia	Estrutura Industrial					
	Participação no VTI por tipo de capital					
	Total		Estrangeiras		Nacionais	
	1985	2002	1985	2002	1985	2002
Total	100	100	100	100	100	100
Intensivas em Recursos Naturais	35	41	18	25	43	52
Intensivas em Trabalho	18	11	9	5	21	15
Intensivas em Escala	31	31	46	44	24	23
Produção Diferenciada	11	9	17	12	8	6
Baseadas em Ciência	5	8	10	14	4	4

Fonte: Base de dados da pesquisa

A observação da estrutura industrial brasileira como um todo (Total na Tabela) mostra um deslocamento da estrutura de valor da transformação industrial (VTI) da indústria extrativa e de transformação de 1985 para 2002. Tal mudança estrutural ocorreu não pela realização de investimentos, mas entre as indústrias intensivas em trabalho, que encolheram sua participação nesses anos em sete pontos percentuais, mais as de produtos diferenciados, que perderam dois pontos, ampliando-se a participação das indústrias intensivas em recursos naturais, que aumentaram sua presença na estrutura industrial em cinco pontos, seguidas das atividades baseadas em ciência, com aumento de três pontos. O gráfico 1a revela essa mudança.

As atividades intensivas em recursos naturais passaram a responder por 41% do VTI da indústria, ganhando peso tanto dentre as empresas estrangeiras, como dentre as nacionais, de 1985 para 2002, destacando-se, dentre as atividades que compõem esse segmento, o aumento de peso das indústrias alimentares e de bebidas e a importância das atividades de extração e refino de petróleo.

Nas indústrias baseadas em ciência (8% do VTI) o aumento de peso deveu-se ao crescimento da indústria aeronáutica, assim como pelo desempenho da indústria farmacêutica.

O encolhimento das indústrias intensivas em trabalho (de 18% em 1985 para 11% em 2002) decorreu da perda de posição das indústrias Têxtil e Vestuário, o que veio se manifestando desde os anos 80, mas foi acentuado, sobremaneira, com a abertura econômica e a entrada de competidores a preços mais vantajosos, tanto na linha da malharia e tecelagem de algodão como das fibras têxteis artificiais e sintéticas.

No caso das indústrias de produtos diferenciados (9% do VTI), o encolhimento da produção é registrado nos índices de produção industrial e em estudos que enfatizam o efeito perverso sobre a produção interna das importações generalizadas.

Não houve variação no peso das indústrias intensivas em escala (31% do VTI), embora dentro do grupamento se tenha verificado significativo aumento de peso da indústria automobilística e de autopeças. Essa indústria passou por grande transformação nos anos 1990, reestruturando-se em resposta à abertura comercial e as novas 'best practices' aceitas para o setor. O ganho de peso decorre dessa nova realidade, com novas filiais de empresas multinacionais se instalando no Brasil, visando aproveitar as vantagens de amplo mercado interno, bem como o Mercosul. O Estado, nesse caso, interveio nos mecanismos de mercado, dando proteção tarifária ao setor, como modo de protegê-lo dos efeitos da abertura econômica, contribuindo para preservar suas plantas produtivas no país e sinalizando para as demais competidoras que seria vantajoso a instalação de suas filiais.

Destaca-se que a estrutura vista sob o universo das empresas estrangeiras é bem distinta da referente ao universo das empresas nacionais, vistas em separado, como mostram os dados da Tabela 3 (Estrangeiras e Nacionais) e os Gráficos 1b e 1c explicitam essas diferenças.

Dentre as estrangeiras, têm mais peso as atividades industriais intensivas em escala – 44% em 2002 e têm muito mais importância as atividades dinâmicas do ponto de vista tecnológico – as indústrias de produtos diferenciados e as baseadas em ciência, que pesam, em conjunto, 26% em 2002.

As indústrias intensivas em escala, de 1985 para 2002, assim como as de produto diferenciado perdem posição dentro do conjunto das estrangeiras.

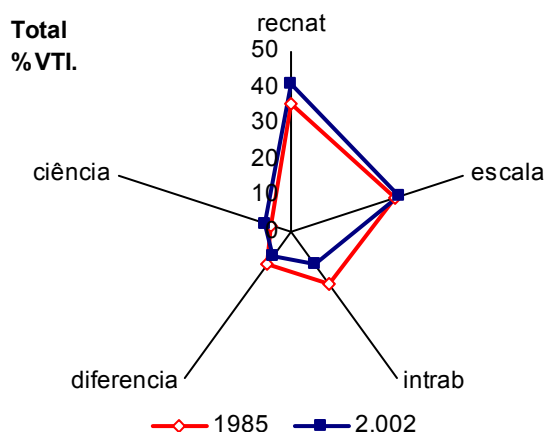
Um destaque adicional é o ganho de importância das indústrias intensivas em recursos naturais, cuja participação, dentre as empresas estrangeiras, evolui de 18% em 1985, para 25% em 2002.

Dentre as empresas nacionais prevalecem as indústrias intensivas em recursos naturais que se expandem e chegam a representar mais de 50% do VTI total das empresas nacionais em 2002 – todos os demais grupos de atividades reduzem sua participação no total.

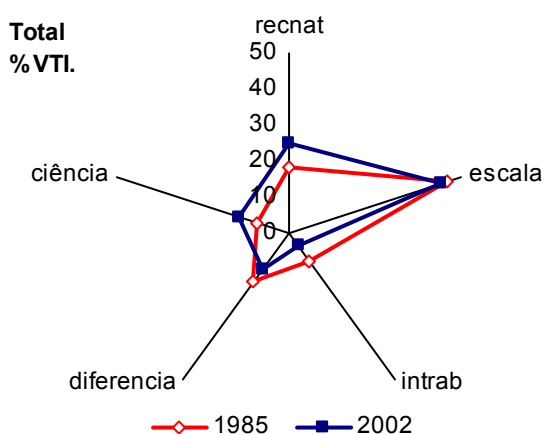
Gráfico 1⁵

Estrutura Industrial Brasileira por Tipo de Tecnologia e Propriedade do Capital - 1985 e 2002.

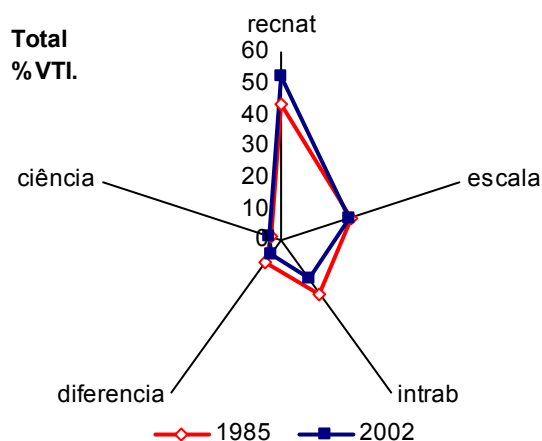
a.Total Geral



b. Empresas estrangeiras



c. Empresas Nacionais



Fonte dos dados : Tabela 3

Quanto à presença das empresas estrangeiras na indústria brasileira, pelas informações ora trabalhadas, elas representam 40% do valor da transformação industrial, tendo ampliado sua importância desde 1985, quando representavam 31%. A Tabela 4 apresenta essas informações para o conjunto de empresas e para as empresas estrangeiras e nacionais.

⁵ Os gráficos retratam, em cada eixo, cada um dos cinco tipos de indústrias consideradas e a participação do VTI de cada um no total do VTI da Indústria Extrativa e de Transformação nos dois anos analisados. A escala referente a essa participação está mostrada no eixo vertical. Uma linha fechada significa a estrutura industrial de um ano específico. Os gráficos apresentados contêm, portanto, duas linhas fechadas, relativas à estrutura industrial observada nos anos de 1985 e 2002, permitindo que se visualize o movimento ocorrido na mesma entre os dois anos.

Por tipo de tecnologia, destaca-se que mais de 55% das empresas que atuam nas indústrias de produtos diferenciados e nas intensivas em escala são estrangeiras e perto de 3 em cada 4 empresas baseadas em ciência também é estrangeira. A presença de empresas estrangeiras nesses grupamentos de indústrias se ampliou de 1985 para 2002. E, nesse ano, são estrangeiras quase 1/4 das empresas com atividade intensiva em recursos naturais, quando em 1985 pouco passavam de 15%.

Tabela 4
Market- Share das Empresas Estrangeiras e Nacionais, por Tipo de Tecnologia - 1985 e 2002.
 - em percentagem do VTI total e de cada tipo de indústria-

Indústrias segundo o tipo de tecnologia	Conjunto de empresas			
	Estrangeiro		Nacional	
	1985	2002	1985	2002
Total	31	40	69	60
Intensivas em Recursos Naturais	16	24	84	76
Intensivas em Trabalho	16	17	84	83
Intensivas em Escala	46	57	54	43
Produção Diferenciada	47	58	54	42
Baseadas em Ciência	55	73	45	27
Empresas de grande porte				
Total	38	47	62	53
Intensivas em Recursos Naturais	19	26	81	74
Intensivas em Trabalho	25	20	75	80
Intensivas em Escala	55	68	45	32
Produção Diferenciada	60	79	40	21
Baseadas em Ciência	63	82	37	18
Empresas de porte médio				
Total	22	37	78	63
Intensivas em Recursos Naturais	11	24	89	76
Intensivas em Trabalho	12	23	88	77
Intensivas em Escala	31	49	69	51
Produção Diferenciada	36	42	64	58
Baseadas em Ciência	42	55	58	45

Fonte: Base de dados da pesquisa

Caso se considere o conjunto de empresas estrangeiras e nacionais de grande porte, aquelas cujo número de empregados é superior a 500, essa importância das empresas estrangeiras aumenta – Gráficos 2^a e 2b. No total geral das grandes empresas, as estrangeiras representam 47% do valor da transformação industrial da indústria brasileira em 2002 (Gráfico 2b). Nos grupamentos por tipo de tecnologia, observa-se que 68% das grandes empresas intensivas em escala são estrangeiras; em produtos diferenciados, 79% e 82% das grandes empresas baseadas em ciência. Destaca-se, mais uma vez, nas atividades intensivas em recursos naturais, a presença da grande empresa estrangeira. As nacionais elevem sua participação apenas dentre as atividades intensivas em trabalho.

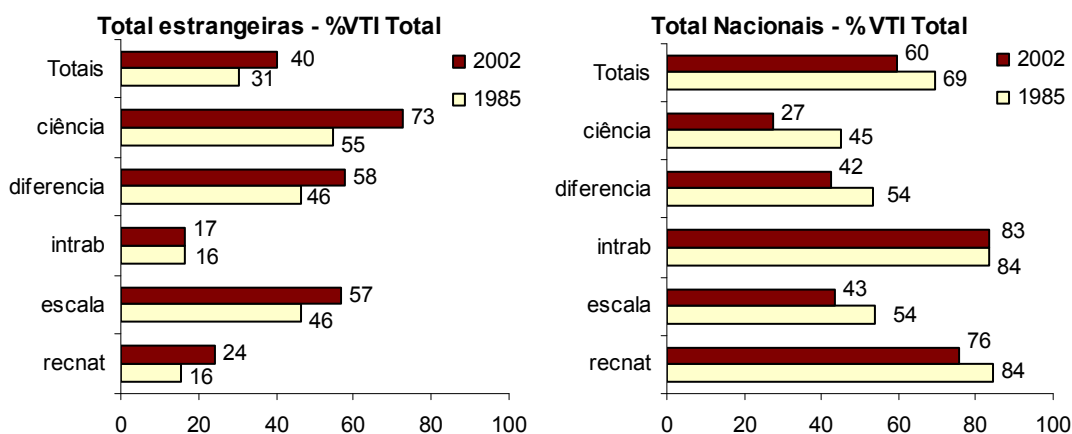
A penetração da empresa estrangeira também atingiu as indústrias de médio porte, as que empregam entre 100 e 499 trabalhadores. Observa-se, no Gráfico 2c, como sua participação aumenta

em todos os tipos de indústria, já representando, em 2002, mais de um terço das empresas de médio porte (37%).

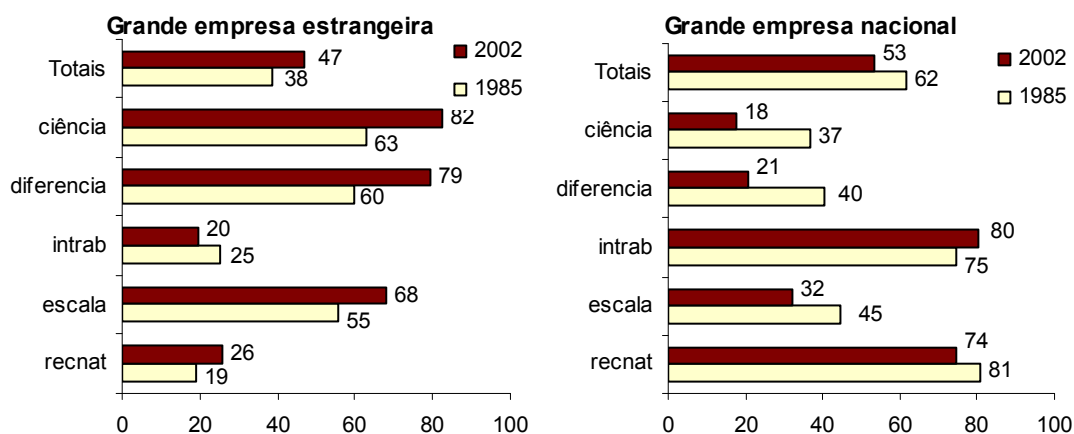
Gráfico 2

Market- Share das Empresas Estrangeiras e Nacionais, por Tipo de Tecnologia, segundo o Porte das Empresas - 1985 e 2002.

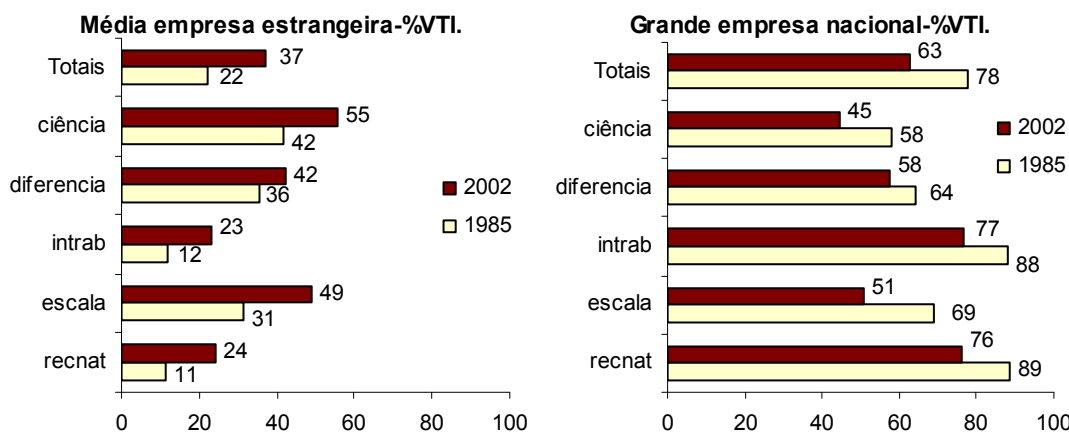
a. Conjunto de empresas



b. Empresas de grande porte



c. Empresas de médio porte



Fonte: Tabela 4

Destacam-se, a seguir, as indústrias mais importantes em cada tipo de tecnologia, identificando-se as atividades, a três dígitos, que são relevantes na explicação da conformação da estrutura industrial e no peso das empresas nacionais e estrangeiras. Os dados desagregados estão apresentados nas Tabelas 5 e 6, bem como no Gráfico 3 que as acompanha.

Na ampliação da importância das atividades Intensivas em Recursos Naturais na estrutura produtiva brasileira vista inicialmente, destacam-se as indústrias de Alimentos e Bebidas que ampliaram seu peso no VTI da Indústria Extrativa e de Transformação, de 1985 para 2002, de 11% para 16% (Tabela 5). O dinamismo dessas indústrias está ligado à boa performance exportadora da economia brasileira nas atividades Intensivas em Recursos Naturais.

Como um todo, a indústria de Alimentos e a de Bebidas é dominada pelo capital nacional – 68% e 72%, respectivamente, em 2002, apesar do aumento do peso do capital estrangeiro nessas atividades. Na indústria de Alimentos, alguns de seus segmentos têm a empresa estrangeira como dominante, como é o caso de Óleos Vegetais, Laticínios e Café, com significativo aumento de market share entre 1985 e 2002. (Tabela 5)

Ao nível da participação da indústria de Alimentos e Bebidas dentro do grupo, esta se elevou de 32% para 39%, nesses anos, como mostra o Gráfico 3, parte ‘a’.

Um outro destaque nesse grupamento são as atividades de Extração e de Refino do Petróleo que, somadas, pesam 12,5% na estrutura produtiva setorial brasileira em 2002. O peso no grupamento passou de 33% em 1985, para 30% em 2002.

A estrutura produtiva setorial das empresas estrangeiras revela que as atividades intensivas em recursos naturais pesam 25% no VTI total da indústria extrativa e de transformação dessas empresas, para o que contribuem as atividades:

- Alimentos e bebidas (12,6% do VTI total das empresas estrangeiras);
- Celulose (2,1%) – sendo 65% o peso da empresa estrangeira;
- Fumo (2%) - 97% é estrangeira;
- Não metálicos (1,8%)

Dentre as indústrias de Alimentos e Bebidas destacam-se:

- o Óleos vegetais (2,4% do VTI total das empresas estrangeiras) – 54% é estrangeira;
- o Laticínios – 1,7% - 52% é estrangeira;
- o Ração – 1,7%;
- o Bebidas – 2%
- o Outras alimentares – 2%

Nas indústrias Intensivas em Trabalho, todas as atividades perderam peso entre 1985 e 2002, com destaque para as Indústrias Têxteis e de Vestuário, predominantemente nacional, cuja participação no VTI total da Indústria Extrativa e de Transformação caiu de 9% para 4% nesses anos.

Esse encolhimento reflete dificuldades competitivas para o Complexo Têxtil desde a abertura comercial. Inúmeras fábricas fecharam e o desemprego foi elevado. Quem sobreviveu teve que se modernizar. Nos anos recentes os problemas decorrem da forte competição com produtos chineses cujo custo é muito baixo frente ao brasileiro, pois os salários médios na China representam um terço do salário médio no Brasil, o que afeta a competitividade de todas as indústrias intensivas em trabalho.

Ao nível da participação dentro do grupo, esta se reduziu de 34% para 23%, nesses anos, como mostra o Gráfico 3, parte 'b'.

Nas indústrias Intensivas em Escala encontram-se atividades de intensidade tecnológica variada⁶, como Editorial (baixa intensidade), Naval, Siderurgia, Vidro e Borracha (média baixa) e Química e Petroquímica, Naval e Automobilística (média alta).

É significativa a ampliação do peso da indústria Automobilística e de Auto-Peças de 1985 para 2002, que evolui de 5% para 7% do VTI da Indústria Extrativa e de Transformação.

Isso reflete, inicialmente, as novas plantas construídas no Brasil, sejam de filiais de empresas multinacionais se ampliando, como a Ford e a VW, sejam de outras filiais se instalando, como a Peugeot e a Renault, visando aproveitar as vantagens de amplo mercado interno, bem como o Mercosul.

Nos anos mais recentes, as empresas multinacionais transformaram suas filiais brasileiras em plataformas de exportação para o Mercosul e outras áreas, em resposta a capacidade ociosa elevada devido à retração do mercado interno observada nos anos iniciais de 2000. As exportações das Montadoras de Veículos representaram 8,8% da pauta de exportações brasileiras de 2000 e a das empresas de Auto-Peças, 3,2% desse total, ambas perfazendo 12%, a terceira maior atividade exportadora do país.

Outro destaque é a indústria de Edição, que amplia seu peso no total de 2% para 3,2% entre 1985 e 2002. Há indicações de crescimento da produção editorial em vários de seus segmentos: livros paradidáticos e didáticos, obras gerais, livros técnico-científicos e empresas gráficas, registrando-se novos parques gráficos de grandes redes de notícias. Também se verificaram algumas alterações patrimoniais relevantes dentre as empresas. (GARCIA, 2001)

⁶ Ver Tabela 2.

Ao nível da participação dentro do grupo, o peso da indústria Automobilística e de Autopeças se elevou de 17% para 22%, nesses anos; o da indústria de Edição também se ampliou de 6% para 10%, como mostra o Gráfico 3, parte ‘c’.

Em outro sentido, as indústrias Químicas e Siderúrgicas reduziram seus pesos no total do Valor da Transformação Industrial: os Produtos Químicos (exclusive Refino de Petróleo que está classificado nas indústrias Intensivas em Recursos Naturais – a Farmacêutica está em Baseadas em ciência) caem de 9,2% para 8,5% e os Siderúrgicos de 6,3% para 5%, de 1985 para 2002, perdendo peso dentro do Grupamento, como pode se visto no Gráfico citado.

Considerando as empresas estrangeiras, as atividades intensivas em escala pesam 41% no total do VTI dessas empresas, para o que contribuem as atividades:

- Química⁷ (13,4%) - 63% estrangeira.
- Automobilística (13,5%) – 78% estrangeira;
- Siderurgia (6,8%) – 55% estrangeira;
- Borracha e Plástico (3,6%);
- Produtos de papel (3,4%).

Dentre a Química destacam-se:

- o Inorgânicos (3,4%) – 70% é estrangeira;
- o Perfumaria (2,1%) – 60% é estrangeira;
- o Orgânicos (2%) – 57% é estrangeira;
- o Resinas (1,5%) – 55% é estrangeira;
- o Defensivos (1,9%) – 67% é estrangeira;
- o Outros (1,9%) – 67% é estrangeira.

Na automobilística destacam-se:

- o Automóveis (6,8%) – 97% é estrangeira;
- o Auto-peças (4,3%) – 52% é estrangeira;
- o Caminhões e ônibus (2,3%) – 97% é estrangeira.

Nas indústrias Intensivas em Produção que operam com produtos diferenciados, todas têm grau de intensidade tecnológica média alta, conforme apontado na Tabela 2.

Perdem peso na estrutura industrial as Máquinas e Equipamentos Mecânicos e Elétricos, cujas participações no VTI total, em conjunto, caem de 10,4% no VTI total, em 1985, para 8,1%, em 2002. Nessas indústrias elevou-se o peso da empresa estrangeira. (Tabela 6)

⁷ Não inclui Farmacêutica, classificada em Baseada em Ciência e Refino do Petróleo, classificado em Recursos Naturais.

A perda de participação no valor da transformação industrial ocorre desde a abertura da economia, devida à importação de produtos, que se verificou de forma intensa após a política de estabilização de preços e valorização cambial.

As indústrias que se modernizaram importaram máquinas, equipamentos e softwares sem necessariamente saberem como usá-los, primeiro porque seus preços estavam inferiores aos preços vigentes há dois ou três anos anteriores a 1994/5, segundo porque eram ofertados em pacotes prontos, nem sempre condizentes com suas reais necessidades e porque havia crédito para isso no mercado internacional. Isso contribuiu para levar muitas indústrias produtoras a virarem importadoras apenas (GARCIA,2001).

O setor é emblemático na história da industrialização brasileira, sendo a própria ‘construção interrompida’ do projeto de substituição de importações, no paradigma da industrialização pesada. Os dados de 2002 mostram que se acentuou a presença de empresas estrangeiras nas duas indústrias.

A participação dentro do grupo pode ser visualizada no Gráfico 3, parte ‘d’.

Considerando as empresas estrangeiras, as atividades de produção diferenciada pesam 12% no total do VTI dessas empresas, para o que contribuem as atividades:

- Máquinas mecânicas (8,4%) - 57% é estrangeira;
- Máquinas elétricas (3,4%) – 63% é estrangeira.

No grupamento mais importante do ponto de vista tecnológico, as Indústrias Baseadas em Ciência, ocorreu um aumento de participação da indústria Aeronáutica, que aumentou seu peso no VTI total da Indústria Extrativa e de Transformação de 0,3% em 1985, para 1,4% em 2002.

O ganho de peso da indústria Aeronáutica se deu pela boa performance de produção, vendas e presença internacional da principal empresa do segmento, superadas as dificuldades iniciais nos anos que se seguiram à sua privatização.

A participação da indústria Farmacêutica também se eleva de 1,6% em 1985, para 2,6% em 2002, enquanto Produtos Eletrônicos e de Comunicação praticamente não alteram seus pesos (de 2,5% para 2,7% nos dois anos).

Considerando as empresas estrangeiras, as atividades baseadas em ciência pesam 14% no total do VTI dessas empresas, para o que contribuem as atividades:

- Eletrônicos (5,4%) – 79% é estrangeira;
- Farmacêutica (4%) – 61% é estrangeira;
- Aeronáutica (3,3 %) – 95% é estrangeira;
- Máquinas para escritório (1,2%) – 66% é estrangeira.

Tabela 5

Estrutura Industrial e Composição das Indústrias por Tipo de Tecnologia
Atividades Seleccionadas em cada Tipo de Tecnologia

Atividades Industriais e Grupamentos (códigos CNAE)	Estrutura Industrial						Peso no Grupamento					
	Total		Estrangeiro		Nacional		Total		Estrangeiro		Nacional	
	1985	2002	1985	2002	1985	2002	1985	2002	1985	2002	1985	2002
Extrativa mais Transformação	100	100	100	100	100	100						
Intensivas em Recursos Naturais	35,6	41,3	18,2	24,8	43,3	52,3	100	100	100	100	100	100
Extração de carvão mineral	0,1	0,1	0,0	0,0	0,2	0,1	0,4	0,1	0,0	0,0	0,5	0,2
Extração petróleo, gás e serviços	6,0	3,4	0,0	0,5	8,6	5,3	16,8	8,2	0,0	2,0	19,9	10,1
Extração min metálicos	1,5	2,3	2,5	2,3	1,1	2,3	4,3	5,6	13,7	9,4	2,6	4,3
Extração min não metálicos	0,6	0,7	0,2	0,2	0,7	0,9	1,6	1,6	1,1	1,0	1,7	1,8
Alimentos e Bebidas	11,3	16,0	7,9	12,6	12,8	18,4	31,7	38,8	43,7	50,7	29,5	35,1
Fumo	0,3	0,8	1,1	2,0	0,0	0,0	0,9	2,0	5,8	8,2	0,0	0,1
Artigos de couro	0,5	0,6	0,1	0,2	0,7	0,8	1,4	1,3	0,3	0,8	1,6	1,5
Madeira	1,4	1,5	0,4	0,6	1,9	2,1	4,1	3,6	2,0	2,4	4,4	4,0
Papel e celulose	0,5	1,3	0,9	2,1	0,4	0,8	1,5	3,2	4,9	8,5	0,8	1,5
Coquerias	0,1	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	1,0	0,0	0,1	0,0
Refino do Petróleo	5,9	9,1	0,5	0,4	8,3	15,0	16,6	22,2	2,6	1,5	19,2	28,7
Álcool	1,7	0,5	0,1	0,1	2,4	0,8	4,7	1,2	0,3	0,3	5,5	1,5
Cimento e outros não metálicos	3,9	3,2	2,0	1,8	4,8	4,2	11,0	7,9	10,9	7,4	11,0	8,0
Metalurgia dos não ferrosos	1,6	1,7	2,4	1,9	1,3	1,6	4,5	4,2	13,1	7,6	2,9	3,1
Reciclagem	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1	0,6	0,2	0,2	0,1
Intensivas em Trabalho	17,5	10,9	9,4	4,5	21,1	15,2	100	100	100	100	100	100
Têxteis	6,0	2,5	3,8	1,0	7,0	3,5	34,2	22,7	40,1	21,1	33,1	23,0
Vestuário	3,0	1,5	0,4	0,4	4,1	2,3	17,1	13,8	4,3	7,9	19,6	14,9
Calçados	1,7	1,6	0,2	0,1	2,4	2,7	9,8	14,9	2,0	2,3	11,3	17,4
Produtos de Metal	3,9	3,4	3,5	2,4	4,1	4,1	22,3	31,3	37,7	53,7	19,3	26,9
Mobiliário e Diversas	2,9	1,9	1,5	0,7	3,5	2,7	16,6	17,3	15,9	14,9	16,7	17,8
Intensivas em Escala	30,7	31,4	46,4	44,2	23,8	22,8	100	100	100	100	100	100
Produtos de Papel	2,5	3,2	2,1	3,4	2,6	3,0	8,0	10,2	4,5	7,8	11,0	13,3
Edição etc.	1,9	3,2	0,3	0,9	2,6	4,8	6,2	10,3	0,6	2,0	10,9	21,1
Produtos Químicos	9,2	8,5	16,0	13,4	6,2	5,1	30,0	27,0	34,6	30,4	26,0	22,6
Borracha e Plástico	3,8	3,2	5,1	3,6	3,3	2,9	12,5	10,2	11,0	8,2	13,7	12,8
Vidro	0,7	0,6	1,4	1,1	0,3	0,3	2,1	1,9	3,1	2,5	1,3	1,2
Aço e Derivados	6,3	5,0	8,2	6,8	5,5	3,7	20,6	15,9	17,7	15,5	23,0	16,4
Automobilística e Autopeças	5,1	6,9	11,7	13,5	2,2	2,5	16,7	22,1	25,3	30,4	9,4	11,1
Naval	0,6	0,2	0,6	0,3	0,6	0,1	1,9	0,7	1,3	0,8	2,4	0,6
Outros de Transporte	0,6	0,5	0,9	1,1	0,5	0,2	2,1	1,7	1,9	2,4	2,3	0,9
Produção Diferenciada	10,9	8,5	16,5	12,2	8,4	6,0	100	100	100	100	100	100
Máquinas e equipamentos	7,4	5,9	10,0	8,4	6,2	4,2	67,7	69,2	60,4	68,7	74,0	69,8
Máquinas, ap e material elétrico.	3,0	2,2	5,9	3,4	1,7	1,3	27,8	25,4	35,8	27,8	20,8	22,2
Apar.equip médicos e hospitalares	0,2	0,3	0,2	0,2	0,2	0,3	2,1	3,4	1,5	2,0	2,5	5,2
Instr ótico, cronômetro e relógio	0,3	0,2	0,4	0,2	0,2	0,2	2,5	2,1	2,3	1,5	2,7	2,9
Baseadas em Ciência	5,3	7,9	9,5	14,2	3,5	3,6	100	100	100	100	100	100
Farmacêutica	1,6	2,6	3,5	4,0	0,7	1,7	29,4	33,3	37,2	27,8	19,9	48,1
Maqs escritório e eqs informática	0,8	0,7	0,8	1,2	0,8	0,4	14,3	9,4	8,0	8,5	21,8	11,8
Eletrônicos e de comunicação	2,5	2,7	4,7	5,4	1,5	1,0	46,2	34,8	49,6	37,7	42,0	27,1
Instrumentos de medida e controle	0,2	0,2	0,3	0,3	0,2	0,2	4,2	3,0	3,5	1,9	4,9	6,1
Sist. eletrônicos de automação	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	0,1	0,3	1,5	0,1	0,9	0,5	3,1
Aeronáutica	0,3	1,4	0,1	3,3	0,4	0,1	5,8	17,7	1,5	23,1	10,9	3,4

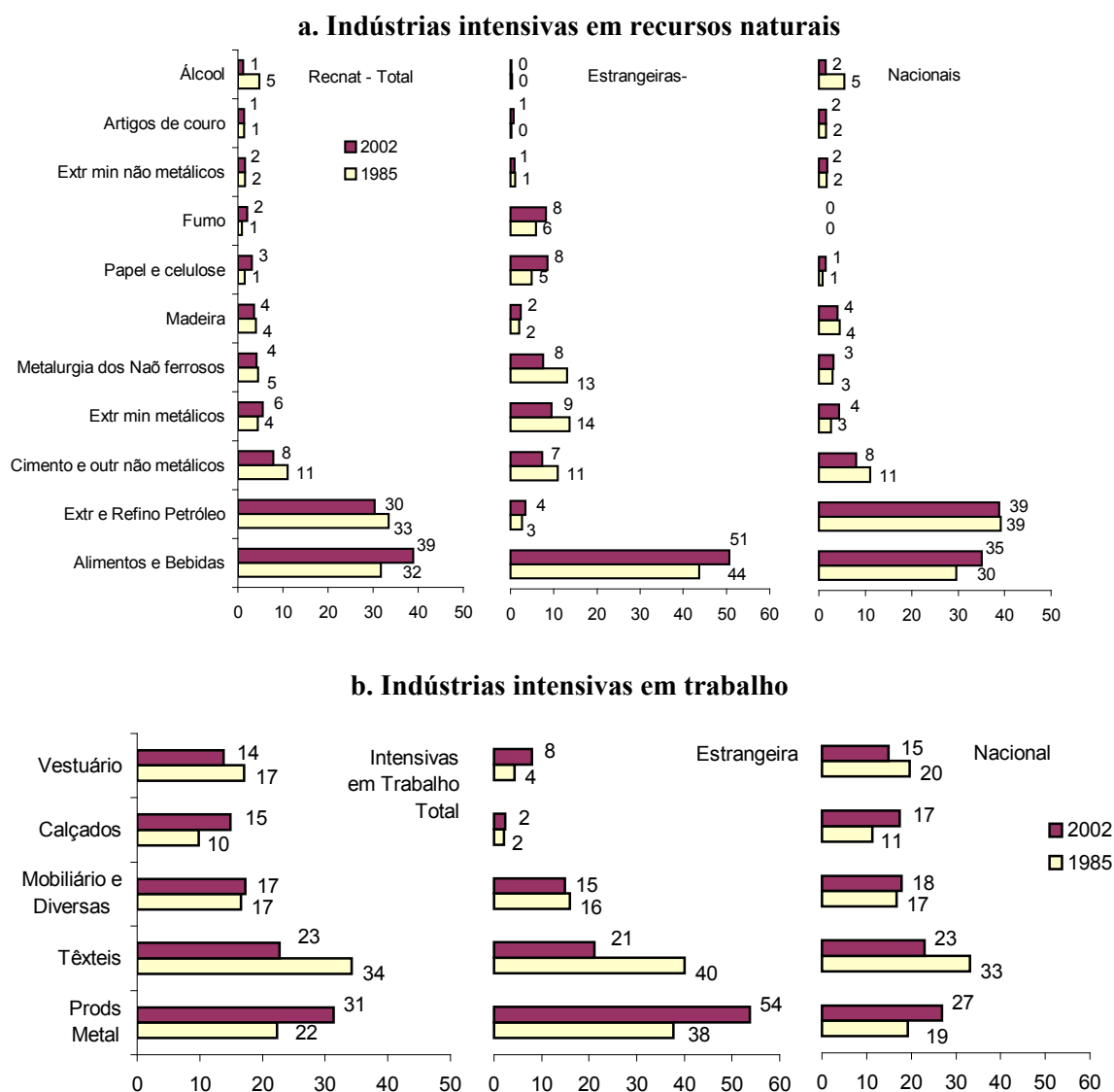
Tabela 6
Market_Share das Empresas Estrangeiras e Nacionais
Atividades Seleccionadas em cada Tipo de Tecnologia

Atividades Industriais e Grupamentos (códigos CNAE)	Total de empresas				Grandes Empresas			
	Estrangeiro		Nacional		Estrangeiro		Nacional	
	1985	2002	1985	2002	1985	2002	1985	2002
Total Extrativa mais Transformação	31	40	69	60	38	47	62	53
Intensivas em Recursos Naturais	16	24	84	76	19	26	81	74
Extração carvão mineral	0	0	100	100	0	0	100	100
Extração petróleo, gás e serviços	0	6	100	94	0	4	100	96
Extração min metálicos	50	41	50	59	51	40	49	60
Extração min não metálicos	11	15	89	85	25	36	75	64
Alimentos	22	32	78	68	35	42	65	58
Bebidas	17	28	83	72	16	12	84	88
Fumo	97	97	3	3	100	100	0	0
Artigos de couro	3	14	97	86	7	18	93	82
Madeira	8	16	92	84	16	34	84	66
Papel e celulose	52	65	48	35	53	67	47	33
Coquerias	73	0	27	100	88	0	12	100
Refino do Petróleo	2	2	98	98	0	0	100	100
Álcool	1	5	99	95	0	9	100	91
Cimento e outros não metálicos	15	23	85	77	31	30	69	70
Metalurgia dos não ferrosos	45	44	55	56	47	46	53	54
Reciclagem	39	36	61	64	100	100	0	0
Intensivas em Trabalho	16	17	84	83	25	20	75	80
Têxteis	19	15	81	85	24	15	76	85
Vestuário	4	10	96	90	10	25	90	75
Calçados	3	3	97	97	5	3	95	97
Produtos de Metal	28	28	72	72	50	35	50	65
Mobiliário e Diversas	16	14	84	86	32	32	68	68
Intensivas em Escala	46	57	54	43	55	68	45	32
Produtos de Papel	26	43	74	57	34	52	66	48
Edição etc	5	11	95	89	4	7	96	93
Produtos Químicos	53	64	47	36	58	70	42	30
Borracha e Plástico	41	46	59	54	63	76	37	24
Vidro	68	73	32	27	77	79	23	21
Aço e Derivados	40	55	60	45	45	61	55	39
Automobilística e Autopeças	70	78	30	22	78	86	22	14
Naval	32	63	68	37	38	80	62	20
Outros Transporte	42	78	58	22	50	98	50	2
Produção Diferenciada	46	58	54	42	60	79	40	21
Máquinas e equipamentos	41	57	59	43	52	78	48	22
Máquinas, ap e material elétrico	60	63	40	37	77	82	23	18
Apar.equip médicos e hospitalares	34	35	66	65	55	85	45	15
Instr ótico, cronômetro e relógio	43	41	57	59	47	36	53	64
Baseadas em Ciência	55	73	45	27	63	82	37	18
Farmacêutica	69	61	31	39	85	69	15	31
Maqs escritório e eqs informática	31	66	69	34	43	79	57	21
Eletrônico e de comunicação	59	79	41	21	66	87	34	13
Instrumentos de medida e controle	47	45	53	55	58	74	42	26
Sist. Eletrônicos de automação	19	44	81	56		79		21
Aeronáutica	14	95	86	5	12	99	88	1

Gráfico 3

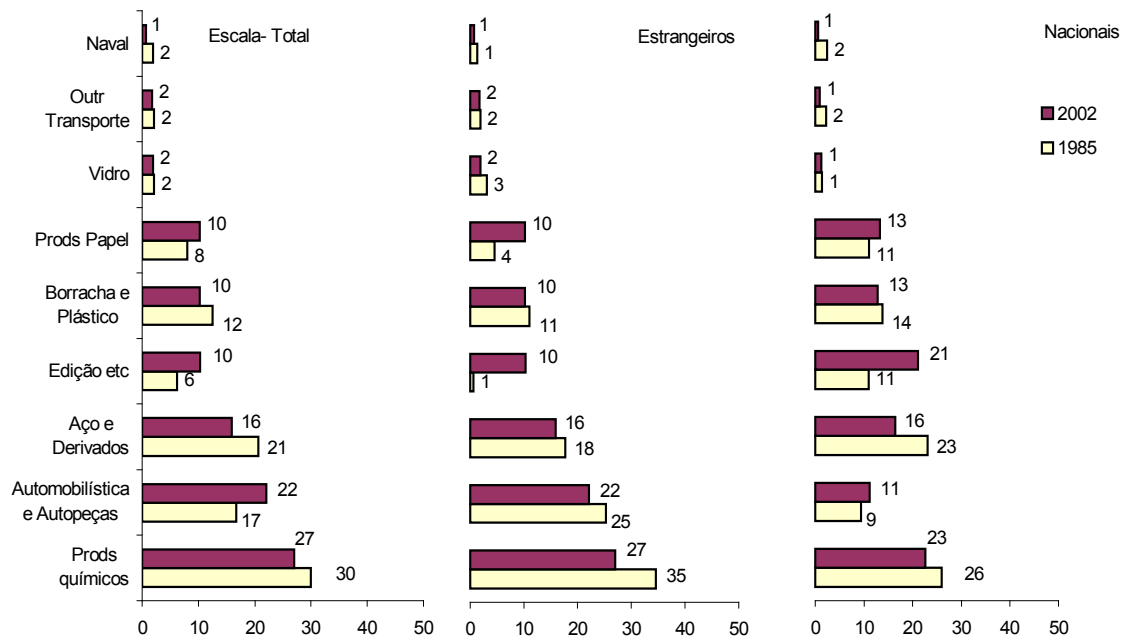
Identificação das Atividades Relevantes por Tipo de Tecnologia

Participação do VTI das Atividades Seleccionadas no Total do Grupamento Industrial (Tipo de Tecnologia) em 1985 e 2002

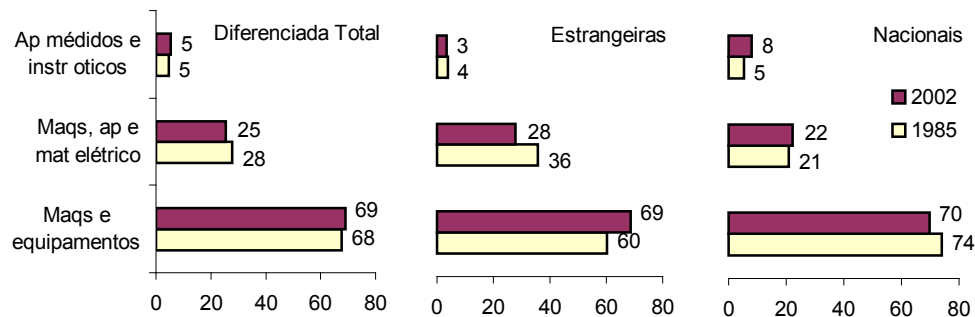


(continua)

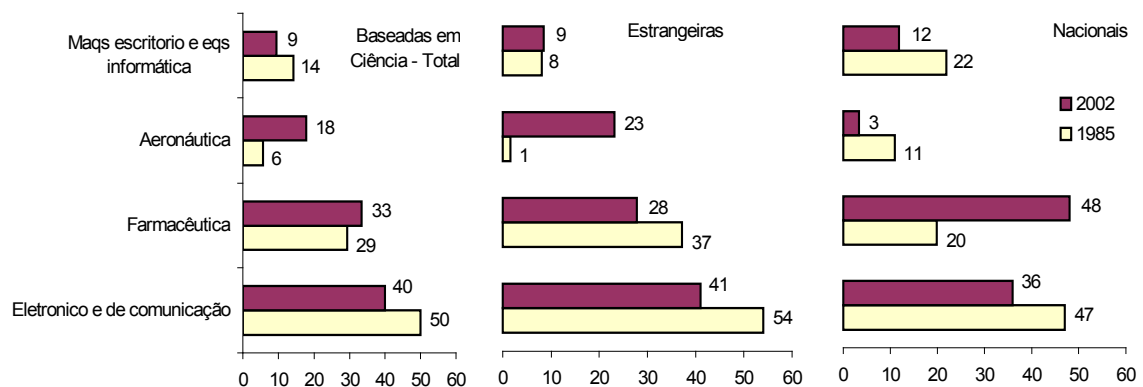
c. Indústrias intensivas de produção em escala



d. Indústrias de produção diferenciada



e. Indústrias baseadas em ciência



Fonte: Base de Dados da pesquisa

Considerando outro recorte de avaliação, desta feita as empresas industriais líderes, verifica-se que as cem maiores empresas industriais de 2002 encontravam-se distribuídas por tipo de tecnologia conforme mostrado abaixo.

Tabela 6

Distribuição do número de empresas e da receita líquida de vendas das cem maiores empresas industriais em 2002, por tipo de tecnologia

Valor da RLV em bilhões de reais

Tipos de Tecnologia	Total			Estrangeira			Nacional		
	No.	RLV	%	No.	RLV	M-share	No.	RLV	M-share
Totais	100	277,2	100	71	158	57	29	119,2	43
Intensivas em Recursos Naturais	34	135,3	48,8	19	41,2	30	15	94,1	70
Intensivas em Trabalho	2	1,5	0,5	1	0,2	13	1	1,3	87
Intensivas em Escala	45	106,4	38,4	33	83,7	79	12	22,7	21
Produção Diferenciada	9	12,5	4,5	8	11,4	91	1	1,1	0
Baseadas em Ciência	10	21,5	7,8	10	21,5	100	0	0	0

Fonte: Base de dados da pesquisa

As cem empresas, que representam menos de 1% do total de empresas⁸ em 2002, respondem por 36% do total da receita líquida de vendas das indústrias extrativas e de transformação apurada na pesquisa (R\$ 769,2 bilhões). O peso das empresas estrangeiras dentre as cem maiores é de 71% do número de empresas e 57% da receita, expressão da penetração dessas empresas no Brasil.

O peso das empresas nacionais é 43% da receita, para o qual a Petrobras contribui de modo significativo. Pela Exame (2003), a receita líquida da Petrobras, em 2002, foi de US\$ 38,4 bilhões, sendo seguido pela CBB/AMBEV, com US\$ 5,3 bilhões. Ou seja, a diferença de porte da Petrobras para a segunda maior empresa industrial de capital nacional em 2002, é de mais de sete vezes.

As empresas estrangeiras posicionam-se entre as atividades de maior complexidade tecnológica, enquanto as nacionais marcam posição dentre as indústrias intensivas em recursos naturais.

As empresas estrangeiras representam, em termos de percentual da receita líquida de vendas, dentre as cem maiores de 2002:

- 30% nas indústrias intensivas em recursos naturais;
- 69% nas indústrias intensivas em escala;
- 91% nas indústrias de produção diferenciada;
- 100% nas indústrias baseadas em ciência.

⁸ Total de empresas da Pesquisa Anual de 2002 é 134.869. Deste total, consoante os procedimentos de identificação da empresa estrangeira adotados nesta pesquisa, as empresas estrangeiras são 2.276 e as nacionais são 132.593.(vide Tabela 1)

Tabela 7a
Relação das cem maiores empresas industriais - 2002

Razão	Cnae3	Tecnol	Cap	85	Razão	Cnae3	Tecnol	Cap	85	Razão	Cnae3	Tecnol	Cap	85
ABB	311	difer	Estr		Copesul	242	escala	Nac	OK	Opp Polietilenos	243	escala	Nac	
Acesita	271	escala	Estr	OK	Cosipa	271	escala	Estr	OK	Parmalat	154	recnat	Estr	
Açominas	272	escala	Nac		CSN	271	escala	Nac	OK	Perdigão	151	recnat	Nac	OK
Alberto Pasqualini - Refap	232	recnat	Nac		CST	272	escala	Estr	OK	Petrobras	232	recnat	Nac	OK
Albras	274	recnat	Estr		Daimler Chrysler	342	escala	Estr		Petroquímica União	242	escala	Nac	OK
Alcan	274	recnat	Nac	OK	Dana	341	escala	Estr		Peugeot	341	escala	Estr	
Alcoa	274	recnat	Estr	OK	Dow Quimica	242	escala	Estr		Phillips	323	ciência	Estr	OK
Alstom	291	difer	Estr		Dupont	244	escala	Estr		Pirelli	251	escala	Estr	OK
Aracruz celulose	211	recnat	Estr	OK	Editora Abril	221	escala	Nac		Recofarma	159	recnat	Estr	
Atlas Shindler	292	difer	Estr		Embraer	353	ciência	Estr	OK	Renault	341	escala	Estr	
Aventis	246	escala	Estr		Empresa Brasileira de Compressores	291	difer	Estr		Riocell	212	escala	Estr	
Basf	243	escala	Estr	OK	Fiat	341	escala	Estr	OK	Robert Bosch	316	difer	Estr	OK
Bayer Polímeros	245	ciência	Estr	OK	Fibra Dupont	172	int trab	Estr		Sadia	151	recnat	Nac	
Belgo Mineira	271	escala	Estr	OK	Fleshman	158	recnat	Estr		Samarco Mineração	131	recnat	Estr	
Bertin	191	recnat	Nac		Ford	341	escala	Estr	OK	Samsung	322	ciência	Estr	
Bridgestone Firestone	251	escala	Estr		Frangosul	151	recnat	Estr		Scania	342	escala	Estr	OK
Bunge Alimentos	153	recnat	Estr		General Motors	341	escala	Estr	OK	Seara	151	recnat	Estr	
Caraíba Metais	274	recnat	Nac	OK	Gerdau	271	escala	Nac		Siemens	322	ciência	Estr	
Caramuru Alimentos	153	recnat	Nac		Gessy Lever	247	escala	Estr		Souza Cruz	160	recnat	Estr	OK
Cargill	153	recnat	Estr		Goodyear	251	escala	Estr	OK	Sucocítrico Cutrale	152	recnat	Nac	
Caterpillar	295	difer	Estr		Hewlett-Packard	302	ciência	Estr		Syngenta	246	escala	Estr	
Cia Brasileira Alumínio	274	recnat	Nac	OK	Infoglobo	221	escala	Nac		Tetra Pak	213	escala	Estr	
Cia Brasileria de Bebidas	159	recnat	Nac		Ipiranga	243	escala	Nac		Triken	243	escala	Estr	
Cia Suzano de Papel e Celulose	212	escala	Nac		Itautec Philco	302	ciência	Estr		Unilever	158	recnat	Estr	
Cimento Rio Branco	262	recnat	Nac		Kolynos	247	escala	Estr		Universal Tabacos	160	recnat	Estr	
Cimento Tocantins	262	recnat	Nac		Manah	241	escala	Estr		Usiminas	271	escala	Estr	OK
CNH latino americana	293	difer	Estr		Minerações Brasileiras	131	recnat	Estr		Vale do Rio Doce	131	recnat	Nac	OK
Coca Cola	159	recnat	Estr		Moto-Honda	359	escala	Estr		Vicunha	173	int trab	Nac	
Com Industrias Brasileiras	153	recnat	Estr		Motorola	322	ciência	Estr		Volkswagen	341	escala	Estr	OK
Confab	273	escala	Estr	OK	Multibras	298	difer	Estr		Volvo	342	escala	Estr	
Continental Tobbaco	160	recnat	Estr		Natura	247	escala	Nac		Votorantin Papel e Celulose	212	escala	Nac	
Copene	242	escala	Estr	OK	Nestle	158	recnat	Estr	OK	WEG	311	difer	Nac	
Copersucar	156	recnat	Nac		Nokia	322	ciência	Estr		White martins Gases	241	escala	Estr	
										Xerox	302	ciência	Estr	

OK significa que a empresa está presente dentre as cem maiores de 1985. Ver tabela adiante

Tabela 7b
Relação das cem maiores empresas industriais – 1985

RAZAO	CNAE3	Tecnol	Cap	RAZAO	CNAE3	Tecnol	Cap	RAZAO	CNAE3	Tecnol	Cap
Acesita	271	escala	Nac	CSN	271	escala	Nac	Moore Formularios	214	escala	Estr
Alcan	274	recnat	Estr	CST	272	escala	Estr	Nestle	154	recnat	Estr
Alcoa	274	recnat	Estr	Du Pont	244	escala	Estr	Nitrofertel	242	escala	Nac
Allied Automotive	316	diferenc	Estr	Duratex	155	recnat	Nac	Perdigao	151	recnat	Nac
Anderson Clayton	153	recnat	Estr	Embraer	353	ciência	Nac	Petrobras	232	recnat	Nac
Aracruz Celulose	211	recnat	Estr	Ericsson	322	ciência	Estr	Petroquimica Uniao	242	escala	Estr
Arno	283	int trab	Estr	Estrela	369	int trab	Nac	Philips	323	ciência	Estr
Avibras Ind Aeroespacial	297	diferenc	Nac	Evadin	323	ciência	Nac	Pirelli	251	escala	Estr
Avon Cosmeticos	247	escala	Estr	Tatuape	170	int trab	Estr	Quimbrasil	241	escala	Nac
Basf	243	escala	Estr	Ferteco	131	recnat	Estr	Refinacoes Milho Brasil	153	recnat	Nac
Bayer	245	ciência	Estr	Fiat	341	escala	Estr	Resegue	153	recnat	Nac
BBC Brown Boveri	311	diferenc	Estr	Firestone	251	escala	Estr	Rhodia	245	ciência	Estr
Belgo Mineira	271	recnat	Estr	Ford	341	escala	Estr	Robert Bosch	316	diferenc	Estr
Caraiba Metais	274	recnat	Nac	Fosfertil	142	recnat	Estr	Industrias Votorantim			Nac
Cce Da Amazonia	323	ciência	Nac	Frigobras	151	recnat	Nac	Saab Scania	342	escala	Estr
Cenibra	211	recnat	Estr	General Eletric	248	escala	Estr	Sanbra	153	recnat	Nac
Cervejaria Brahma	152	recnat	Nac	General Motors	341	escala	Estr	Santa Marina	252	escala	Estr
Champion	212	escala	Estr	Gessy Lever	247	escala	Estr	Sao Paulo Alpargatas	173	int trab	Nac
Cia Hering	172	int trab	Nac	Goodyear	251	escala	Estr	Sharp	301	ciência	Estr
Ciba Geigy	245	ciência	Estr	Gradiente	323	ciência	Nac	Sid Informatica	302	ciência	Estr
Cica	152	recnat	Nac	Hoechst	245	ciência	Estr	Souza Cruz	160	recnat	Estr
Citrosuco Paulista	152	recnat	Estr	Ishikawajima	292	diferenc	Estr	Suzano	212	escala	Nac
Cobrasma	275	escala	Nac	Johnson & Johnson	245	ciência	Estr	Termomecanica Sao Paulo	274	recnat	Nac
Cofap	344	escala	Nac	Klabin	201	recnat	Nac	Tibras	234	recnat	Nac
Cia Brasileira de Aluminio	274	recnat	Nac	Krupp	283	int trab	Estr	Trw	344	escala	Estr
Cia Nacional Estamparia			Nac	Linhas Corrente	170	int trab	Estr	Tubos e Conexões Tigre	252	escala	Nac
Confab	273	escala	Estr	Mafersa	352	escala	Nac	3m Do Brasil	214	escala	Nac
Confecoos Guararapes	177	int trab	Nac	Mannesmann	271	escala	Estr	Ultrafertel	241	escala	Nac
Copebras	142	recnat	Estr	Massey Perkins	275	escala	Estr	Usiminas	271	escala	Estr
Copene	242	escala	Nac	Mercedes Benz	342	escala	Estr	Vale Do Rio Doce	131	recnat	Nac
Copesul	242	escala	Nac	Metal Leve	344	escala	Nac	Verolme	351	escala	Nac
Cosigua	271	escala	Estr	Mineiraçao Rio Norte	132	recnat	Estr	Villares Indus de Base	272	escala	Nac
Cosipa	271	escala	Nac	Mineracão Taboca	132	recnat	Nac	Volkswagen	341	escala	Estr
								White Martins	221	escala	Estr

Considerações finais

O aumento dos fluxos de recursos externos motivados, sobretudo, pelo processo de privatizações e pela abertura econômica, ao longo dos anos 1990 responde pelo aumento da desnacionalização da indústria. Apesar de, distinto do passado, neste período recente, o destino principal desses fluxos terem sido atividades de serviços, os investimentos que se dirigiram à indústria foram bem expressivos. Na indústria, o destino dos mesmos foi, principalmente, para as indústrias automobilísticas, químicas, alimentos e bebidas refletindo as estratégias globais dos grandes oligopólios mundiais desses setores. Isso também ocorreu nos setores dinâmicos do novo paradigma tecnológico, verificando-se o ingresso no país de empresas protagonistas da III Revolução Industrial.

Nesse processo, em síntese, como vimos, o peso da empresa estrangeira na indústria se ampliou de 30%, em 1985, para 40% do valor da transformação industrial da indústria extrativa e de transformação em 2002. Se for considerado o conjunto de empresas industriais de grande porte, o peso da empresa estrangeira aumenta para 47%. E, quando se consideram as cem maiores empresas industriais em receita de vendas, o peso das estrangeiras se eleva ainda mais, atingindo 57% da receita líquida de vendas de 2002.

Na indústria como um todo, são dominantes nas indústrias intensivas em escala (57%) e nas de produção diferenciada (58%), além de serem predominantes dentre as baseadas em ciência (73%). E o que se verificou, ademais, foi a ampliação do seu peso dentre as indústrias intensivas em recursos naturais, entre os dois anos considerados, passando de pouco mais de 15% de peso em 1985, para 24% em 2002.

Caso se considere seu peso dentre as empresas de grande porte, sua presença é bem mais intensa que o mostrado para o conjunto de empresas nas indústrias citadas – representam 82% das indústrias baseadas em ciência, 79% das de produtos diferenciados e 68% das intensivas em escala.

E, ainda, observou-se sua ampliação dentre as indústrias de médio porte, passando a responder por 37% do valor da transformação industrial total da indústria, com significativo aumento de presença nas empresas de médio porte das indústrias intensivas em recursos naturais e intensivas em escala.

Em síntese, a empresa estrangeira consolidou sua presença onde já estava e avançou para novas indústrias, de grande e de médio porte, tornando significativa sua base produtiva instalada no Brasil, justificando a recomendação de que a produção de informações estatísticas pelo IBGE deveria passar a contemplar a diferenciação entre capital nacional e estrangeiro.

Ademais, isso remete à questão de fundo sobre se é indiferente a um país ter seu parque produtivo nas mãos do capital estrangeiro?

Na perspectiva da autonomia de definição de um projeto nacional, parece que não é indiferente. Isso porque essas empresas teriam que ter algum compromisso com esse projeto, que não fosse seu próprio rendimento. Estão no Brasil, aumentaram sua presença no passado recente, novas empresas se instalaram, como as do paradigma da III Revolução Industrial, dentre as cem maiores citam-se a Nokia, Samsung e Motorola e a taxa de investimento da economia foi baixa e o crescimento medíocre.

A atuação do investimento direto estrangeiro como fonte de ampliação da capacidade produtiva da economia, de provimento de recursos para resolver problemas de disponibilidade de divisas, de atualização da base tecnológica da indústria e, principalmente, como agente estratégico da retomada do crescimento da economia não se verificou como esperado pelos formuladores da política de abertura econômica. A empresa de capital estrangeiro não assumiu a liderança da recuperação da indústria.

Em contrapartida, contribui para o aumento do passivo externo da economia na medida em que concorre para um certo enrijecimento do balanço de pagamentos, com comprometimento permanente de divisas para remessa de lucros, em paralelo a um saldo comercial por ela gerado que não é necessariamente superavitário. Não contribui para a geração de desenvolvimento tecnológico da indústria, sendo baixa a taxa de inovação da indústria brasileira. Com certeza, como registrado nesse trabalho, elevou o índice de desnacionalização da indústria brasileira, pois substituiu o capital privado nacional e estatal na indústria, pelos processos de fusões e aquisições e de privatizações economia. E é muito razoável supor que reduziu a autonomia de definição de políticas por parte do Estado brasileiro. Não se pode esquecer que por trás de uma empresa estrangeira de grande porte há um Estado Nacional que não hesitará na defesa dos interesses que representa.

Não se está defendendo que a causa da baixa performance da economia brasileira se deva ao aumento da desnacionalização da economia, mas sim ao modelo de desenvolvimento em que ela se insere com suposto papel de protagonista. Sob o regime de acumulação financeira há interpenetração do capital produtivo com o financeiro e as estratégias empresariais são definidas em nível global, não convergindo necessariamente com os interesses nacionais de desenvolvimento econômico.

Uma presença maior do Estado na economia, de imediato, com aumento dos investimentos em infra-estrutura e definição de prioridades nacionais parece um caminho que poderia alterar o quadro de baixo dinamismo. Isso não exclui a necessidade de se pensar à frente, compondo um projeto de desenvolvimento para o país a partir da explicitação de onde se quer chegar a longo prazo, que problemas se quer resolver, definindo, então, o modelo de desenvolvimento e o papel da indústria. E essa pesquisa procura reiterar a importância da configuração de base produtiva integrada e diversificada como fundamental para se pensar desenvolvimento econômico.

BIBLIOGRAFIA

- BNDES – “O Capital Estrangeiro na Indústria Brasileira”. Estudos BNDES, n. 10, 1988.
- CANUTO, O. – “Investimento Direto Externo e Reestruturação Industrial”, Texto para Discussão, n. 27, Campinas, IE/UNICAMP, 1993.
- CASTRO, A. C. – As Empresas Estrangeiras no Brasil – 1860-1913, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- CEPAL – La Inversion Extranjera en America Latina y Caribe- Informe 1998, Santiago de Chile, 1998.
- _____ – La Inversion Extranjera en America Latina y Caribe- Informe 2003, Santiago de Chile, 2003.
- CHESNAIS, F. – “A Teoria do Regime de Acumulação Financeirizado”, Economia e Sociedade, v. 11, n.1, pp. 01-44, janeiro/junho de 2002.
- COUTINHO, L. – “A Especialização Regressiva: Um Balanço do Desenvolvimento Industrial pós-Estabilização”. In: Velloso, J. P. (coord), Brasil: Desafios de um País em Transformação, Fórum Nacional, 19 a 22 de maio de 1997, 1 ed., pp. 81-106, Rio de Janeiro, José Olympio, 1997.
- CURADO, M. L. – Investimento Estrangeiro Direto e Industrialização do Brasil, Dissertação de M. Sc., Setor de Ciências Sociais Aplicadas/ UFPR, Curitiba, 1997.
- DE NEGRI, F. – “Empresas Estrangeiras na Indústria Brasileira: Características e Impactos sobre o Comércio Exterior”. In: Laplane, M., Coutinho, L. e Hiratuka, C. (orgs), Internacionalização e Desenvolvimento da Indústria no Brasil, cap. 5, São Paulo, IE/UNICAMP e Editora UNESP, 2003.
- FILGUEIRAS, L. e PINTO, E. C. – “Governo Lula: Contradições e Impasses da política Econômica”. In: Sepúlveda, O. e Pedrão, F. (orgs), Reflexões de Economistas Baianos, v.5, pp.153-183, Salvador, Editado pelo CORECON/5ª Região/Bahia, 2005.
- FRANCO, G. H. B. – “Investimento Estrangeiro Direto no Brasil 1995-2004: Passivo Externo ou Ativo Estratégico?”. In: Lacerda A. C. (org), Crise e Oportunidade: O Brasil e o Cenário Internacional, São Paulo, Lazuli Editora, 2006.
- GARCIA, C. – Uma Análise das Mudanças na Estrutura Industrial Brasileira nos Anos 90, Dissertação de M. Sc., COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.
- GONÇALVES, R. – Globalização e Desnacionalização, São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- Guia INTERINVEST: o Brasil e o capital internacional. Rio de Janeiro: Interinvest, 1986.
- IBGE – Pesquisa Industrial 2002, Rio de Janeiro, v.21, n.1, 2002.
- _____ – Pesquisa de Inovação Tecnológica 2000, Rio de Janeiro, 2002.

- ____ – Censos Econômicos de 1985 - Censo Industrial – N° 1 – Dados Gerais – Brasil, Rio de Janeiro , 1990.
- IEDI – Indústria e Desenvolvimento. Uma Análise dos Anos 90 e uma Agenda de Política de Desenvolvimento Industrial para a Década, São Paulo, novembro de 2000.
- LACERDA, A. C. (org) – Desnacionalização: Mitos, Riscos e Desafios, São Paulo, Contexto, 2000.
- LAPLANE, M. e SARTI, F. – “Investimento Direto Estrangeiro e o Impacto na Balança Comercial nos Anos 90”, Texto para Discussão, n. 629, Brasília, IPEA, 1999.
- ____ – “Investimento Direto Estrangeiro e a Internacionalização da Economia Brasileira nos Anos 90”. In: Laplane M., Coutinho L. e Hiratuka C. (orgs), Internacionalização e Desenvolvimento da Indústria no Brasil, IE/UNICAMP, Campinas, Editora UNESP, 2003.
- LESSA, C. e DAIN, S. – “Capitalismo Associado: Algumas Referências para o Tema Estado e Desenvolvimento”. In: Belluzzo, L. G. M. e Coutinho, R. (orgs), Desenvolvimento Capitalista no Brasil, 3 ed., São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MELLO, J. M. C. de – “Consequências do Neoliberalismo”, Economia e Sociedade, n. 1, pp. 59-67, Campinas, agosto de 1992.
- ____ – “A Contra-Revolução Liberal-Conservadora e a Tradição Crítica Latino-Americana”. In: Tavares M. C. e Fiori, J. L. (orgs), Poder e Dinheiro: Uma Economia Política da Globalização, 2 ed., Petrópolis, Vozes, 1997.
- OCDE – Structural Adjustment in Industry, Paris, 1988.
- OCDE – “Revision of the High-Technology Sector and Product Classification”, STI Working Papers, Paris, 1997.
- OLIVEIRA, C. A. B. – Processo de Industrialização. Do Capitalismo Originário ao Atrasado, UNICAMP, Campinas, Editora UNESP, 2003.
- PLIHON, D. – “A Ascensão das Finanças Especulativas”, Economia e Sociedade, Campinas, dezembro de 1995.
- POSSAS, M. L. – “Empresas Multinacionais e Industrialização no Brasil”. In: Belluzzo, L. G. M. e Coutinho, R. (orgs), Desenvolvimento Capitalista no Brasil, 3 ed., São Paulo, Brasiliense, 1984.
- SUZIGAN, W. e SZMRECSANYI – “Os Investimentos Estrangeiros no Início do Processo de Industrialização no Brasil”, Texto para Discussão, n. 33, Campinas, IE/UNICAMP, 1994.
- SUZIGAN, W. – Indústria Brasileira – Origem e Desenvolvimento, São Paulo, Brasiliense, 1986.
- VINHAS de QUEIROZ, M. e EVANS, P. – “Um Delicado Equilíbrio: O Capital Internacional e o Local na Industrialização Brasileira”, Cadernos CEBRAP, n. 28, São Paulo, 1977.